

# A EDUCAÇÃO APRENDE COM O HOMEM A CONTINUAR O TRABALHO DA VIDA – EDUCAÇÃO, TRABALHO E SAÚDE EM ALGUMAS EXPERIÊNCIAS FUNDADORAS

Daisy Moreira Cunha\*

Wanderson Ferreira Alves\*\*

## RESUMO

O texto aborda algumas significativas formulações que, articulando trabalho e formação, se desenvolveram na Itália, na França e no Brasil em torno da temática da saúde do trabalhador. Assim, o artigo apresenta e discute algumas iniciativas que, em tempos e locais distintos, fortaleceram e fortalecem a noção de homem e mulher como sujeitos políticos, iniciativas que têm a particularidade – e que representa um fio condutor comum entre elas – de ter em primeiro plano o trabalhador, seu trabalho e seus saberes. Trata-se de um texto de natureza teórica e que articula as contribuições de diferentes áreas do conhecimento, como os estudos na área da saúde do trabalhador, da educação e da filosofia. O texto destaca que, se na educação popular parte-se da premissa que o trabalhador é, no sentido forte do termo, compreendido como sujeito dos processos no qual está inserido, o mesmo não ocorre quando se fala do trabalho no âmbito da relação salarial ou dos processos saúde e doença nos meios laborais. Todavia, há perspectivas que oferecem outra visada sobre a questão e possibilitam a construção de práticas contra-hegemônicas.

**Palavras-chave:** Trabalho. Saúde. Formação humana. Educação popular.

## ABSTRACT

### HOW EDUCATION DRAWS ON HUMAN KNOWLEDGE TO CONTINUE LIFE'S WORK – EDUCATION, WORK, AND HEALTH IN SOME FUNDAMENTAL EXPERIENCES

This paper addresses some significant formulations linking work and training that were developed in Italy, France and Brazil and concern issues related to workers' health. It presents and discusses some initiatives, undertaken in different locales and at various moments, which strengthened – and continue to strengthen – the notion of man and woman as political subjects. What's distinctive about these initiatives – and a common thread that binds them – is the fact that they prioritize workers, their work, and their

---

\* Doutora em Filosofia pela Université d'Aix-Marseille. Pós-doutorado no Conservatoire National des Arts et Métiers. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço para correspondência: Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG. Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha. CEP: 31270-901. Belo Horizonte – MG. daisy-cunha@uol.com.br

\*\* Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Ergologia pela Université d'Aix-Marseille. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Endereço para correspondência: Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG. Rua 253, s/n. Setor Universitário. CEP: 74605-050. Goiânia-GO. wandersonfalves@yahoo.com.br

knowledge. This is a theoretical text that draws upon contributions from different spheres of knowledge, such as studies in the areas of workers' health, education, and philosophy. Emphasis is placed on the fact that while popular education departs from the premise that workers are understood to be the subjects of the processes in which they're inserted, the same is not true when discussing work in the context of wage relations or health and illness issues in the work environment. However, there exist perspectives that offer alternative insights regarding the issues and allow for the creation of counter-hegemonic practices.

**Keywords:** Work. Health. Human training. Popular Education.

## RESUMEN

### LA EDUCACION APRENDE CON EL HOMBRE A CONTINUAR EL TRABAJO DE LA VIDA: EDUCACIÓN, TRABAJO Y SALUD EN ALGUNAS EXPERIENCIAS FUNDADORAS.

Este documento aborda algunas formulaciones significativas, qué vinculan el Trabajo y la Formación, desarrollándose en Italia, Francia y Brasil en torno a la problemática de salud del trabajador. Así este artículo presenta y discute algunas iniciativas, en diferentes momentos y lugares donde fortalecerán y fortalecen la noción de hombre y mujer como sujetos políticos, iniciativas que tienen particularmente - un hilo conductor común entre ellas - para tomar el primer plano del trabajador, su trabajo y sus conocimientos. Se trata de un texto teórico que articula las aportaciones de diferentes áreas del conocimiento, como los estudios del área de la salud, la Educación y la Filosofía de los trabajadores. El texto señala que, en la educación popular se comienza con la premisa de que el trabajador se encuentra en el sentido fuerte, entendida como objeto de un procedimiento en el que se inserta, No ocurre lo mismo cuando se habla del trabajo en el ámbito de las negociaciones salariales o de los procesos de salud y enfermedad en los medios laborales. Sin embargo, hay perspectivas que ofrecen otro objetivo en el tema y que permiten la construcción de prácticas contra-hegemónicas.

**Palabras clave:** Trabajo. Salud. La formación humana. Educación Popular

## Introdução

Como aponta Carlos Brandão, a educação popular não é – embora alguém pudesse assim se pronunciar à primeira vista – algo que pertence somente às nossas latitudes, “não é, repito, algo que historicamente surgiu em um lugar (entre Angicos e Recife) na aurora dos anos sessenta [...]” (BRANDÃO, 2013, p. 12).<sup>1</sup> Mesmo com profundas raízes nos países Latino-americanos, na condição de prática social balizada pela consideração e reconhecimento que os homens e mulheres são sujeitos políticos constituídos e constituidores de cultura, o

projeto formativo da educação popular ultrapassa as fronteiras locais, regionais e nacionais. Perseguindo essa diversidade de experiências, neste texto acompanharemos algumas significativas formulações que, articulando trabalho, formação e saúde, se desenvolveram na Itália, na França e no Brasil.

O presente texto apresenta e discute algumas iniciativas que, em tempos e locais distintos, fortaleceram e fortalecem essa noção de homem e mulher como sujeitos políticos, cuja particularidade – e que representa um fio condutor comum entre elas – está em ter em primeiro plano o trabalhador, seu trabalho e seus saberes. Fazemos referência à iniciativa de Ivar Oddone junto aos trabalhadores do sindicato da Fiat em Turim, ao fim dos anos

<sup>1</sup> O título do presente artigo é inspirado em Carlos Brandão, autor que nos convida a pensar a educação e o trabalho a partir de uma perspectiva mais ampla. Cf. Brandão (1981).

de 1960; ao esforço de Yves Schwartz e seus colaboradores na direção da construção do que ele denominava de abordagem ergológica do trabalho, na França ao final dos anos de 1980; e aos trabalhos recentes desenvolvidos no Brasil que, partindo das referências precedentes, são também balizadas pelas nossas heranças no âmbito da educação popular e materializam-se em ricas experiências formativas envolvendo pesquisadores e trabalhadores, como no projeto “Conexão de saberes sobre o trabalho”, conduzido por um conjunto de pesquisadores ligados à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

### **Trabalho, educação popular e saúde**

Quem percorrer a educação popular em busca dos espaços sociais no qual esta se dá certamente se surpreenderá com a diversidade de lugares e experiências que esta abarca e se manifesta. Trata-se de uma prática social que, entre outros espaços, pode efetivar-se na alfabetização de adultos, na educação no campo, nos movimentos sociais, na educação em saúde e na educação sindical. Todavia, em que medida as questões formativas tão próprias à educação popular podem se apresentar na relação entre o trabalho e a saúde?

A julgar pela história dos termos e de seus nexos, a interrogação acima está longe de ser banal. A educação popular toma seus participantes como sujeitos políticos, pressupõe um diálogo tão igualitário quanto possível entre esses sujeitos, buscando por essa via um “diálogo aberto inclusive ao imprevisível” e passível de “criar alternativas de autotransformação de pessoas, de grupos sociais e de movimentos populares, cada vez mais considerados como construtores e gestores de sua própria autonomia” (BRANDÃO, 2013, p. 13). No nosso atual modelo societal, tudo isso tende a ser negado quando se trata do trabalho humano.

Ora, sob o salariedade, as relações no âmbito do trabalho serão sempre assimétricas. Como bem destaca Alaluf (2001), a fábrica, a empresa, não é um lugar em que os diferentes atores ali presentes podem dialogar em uma relação desprovida de coerção: o contrato assinala logo de início uma relação de subordinação e desigualdade, inscrevendo um universo maior em que socialmente repartem-se

as riquezas e o poder. Se o próprio sistema social assim estabelece certo lugar para o trabalhador e o trabalho, por outro lado as próprias formas de organização do trabalho também contribuíram (e contribuem) massivamente para o obscurecimento do trabalhador como sujeito e, mais ainda, como sujeito epistêmico. Emblemático disto são as consignas que norteiam o modelo organizacional que, mesmo sem ser homogênea, restou predominante na utilização da força de trabalho de homens e mulheres ao longo de parte importante do século XX, a chamada organização científica do trabalho, o taylorismo. A imagem do trabalhador como mero executor do que foi pensado por outrem, o trabalhador como alguém subordinado à ciência do engenheiro (cinemática, biomecânica etc.) e que deve limitar-se a respeitar consignas que, nas palavras de Taylor, nem mesmo o melhor operário conseguiria entender (TAYLOR, 1985), têm como resultante uma visão do trabalho como o mero sequenciamento de gestos, lugar da repetição do mesmo, do idêntico e de um fazer desprovido de pensamento.

Pensar a relação entre trabalho e saúde conforme o que acaba de ser descrito tem como um de seus corolários o modelo que estabelece de um lado os trabalhadores, com seu corpo e suas patologias, e de outro os especialistas que, estando fora das situações de trabalho, decretam o que se passa e remetem o trabalhador ao lugar de paciente: a abordagem médica pela perspectiva tradicional da medicina do trabalho. Todavia, é interessante acompanharmos como aqui mesmo no Brasil, no âmbito da saúde coletiva, delineou-se um movimento que seguiu em reação e em direção oposta a essa perspectiva: trata-se do que costumamos chamar de campo da saúde do trabalhador.

No campo da saúde do trabalhador, em contraste com a visada individualizante e muitas vezes descontextualizada da abordagem tradicional da medicina do trabalho e da saúde ocupacional, construiu-se o entendimento de que estudar o processo de saúde e doença dos grupos humanos relacionados ao trabalho envolve evidenciar o humano no trabalho (as dimensões humanas ali implicadas) e conferir atenção ao processo de trabalho. Esse conceito, cujas raízes estão em Marx, será utilizado para a análise e compreensão

do conjunto dos aspectos presentes no trabalho concreto, colocando assim em primeiro plano a importância do exame dos meios laborais, alinhando objeto de trabalho, ferramental/meios disponíveis e atividade do trabalhador. Aqui, diferentemente das perspectivas descritas no parágrafo anterior, o trabalhador aparece como sujeito e cuja presença é condição essencial para a produção do conhecimento e para as práticas concernentes à saúde. Nessa perspectiva, os trabalhadores são considerados como “sujeitos políticos coletivos, depositários de um saber emanado da experiência e agentes essenciais de ações transformadoras” (MINAYO-GOMEZ, 2011, p. 27).

A ideia de que é preciso compreender mais detidamente os meios laborais e conferir um estatuto aos saberes dos homens e mulheres que trabalham ganha, então, forma e substância. No entanto, o desafio teórico, epistemológico e metodológico permanece: como aceder aos saberes dos trabalhadores? Como abordar a experiência humana nos meios laborais e dela retirar consequências para a produção de conhecimento e para as práticas de atenção à saúde? Se no Brasil esse gênero de interesse não é terra incógnita, ao seu modo essa questão aparece na Itália ainda ao fim dos anos de 1960, com as iniciativas de Ivar Oddone; aparece na França ao fim dos anos 1980, com Yves Schwartz e seus colaboradores; bem como assume interessantes desdobramentos em algumas iniciativas no Brasil. Vejamos isso mais detidamente nas próximas seções.

## A centralidade da experiência operária na Comunidade Científica Ampliada

A criação de uma Comunidade Científica Ampliada, experiência vivenciada por Oddone, Re e Briante (1981) coloca em foco a experiência de trabalho dos metalúrgicos da FIAT automóveis na cidade de Turim nos anos 1970. Esta comunidade foi formada por um grupo de pesquisadores da Universidade de Turim que se reuniam com metalúrgicos no contexto das 150 horas<sup>2</sup> para

2 Conquista sindical e política dos trabalhadores italianos que garantia aos mesmos participar de 50 horas anuais durante três anos para frequentar qualquer processo educativo. Neste contexto, Oddone e sua equipe puderam oferecer seminários de formação na Universidade

discutir questões relativas aos elementos que se configuravam nocivos à saúde, no ambiente de trabalho desses operários. A convivência e diálogo entre esses dois segmentos permitiu compreender que os riscos que se apresentavam no processo produtivo provocavam atitudes dos trabalhadores em defesa da sua saúde, o que os impulsionava a adquirir novos conhecimentos, na perspectiva de transformar suas condições de trabalho. A investigação sobre a construção cotidiana dos saberes desenvolvidos no trabalho possibilitou aos pesquisadores compreender melhor “o que faziam os operários, o que pensavam os operários, qual era o operário, que sentido e os objetivos de suas lutas, centradas sobre problemas de segurança e higiene” (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981, p. 21).

Logo nas páginas iniciais do livro *Rédecouvrir l'Expérience Ouvrière*, Oddone, Re e Briante (1981) chamam atenção para o fato de que a grande dificuldade na associação entre a experiência operária e a psicologia do trabalho foi de resistir – na medida do possível – à tentativa de enquadrar a experiência operária na linguagem e num contexto científico que sempre a rejeitou. A experiência, compreendida como

[...] aprendizagem, de um modo individual e coletivo, de soluções capazes de resolver problemas concretos que o trabalho lhe coloca todo dia no interior da usina [...] o operário aprende, quer dizer, adquire uma experiência não somente em relação à tarefa, mas também no plano político e sindical. (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981, p. 17).

A experiência que se expressa e se reelabora no enfrentamento das condições gerais de produção em situações de trabalho bem circunscritas seria produto da vivência individual e coletiva, configurando-se (e configurando) um patrimônio cultural de classe face às condições de vida. No terreno da produção o trabalhador vivencia

[...] uma experiência em matéria de tarefa, mas transmitindo seu saber para outros ele adquire igualmente uma quando se relaciona com os outros. Portanto, podemos afirmar que a formação informal é o fruto de duas experiências: por um lado da experiência puramente e simplesmente transmitida e de outra parte,

de Turim para trabalhadores metalúrgicos constituindo o dispositivo que denomina de Comunidade Científica Ampliada (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981).

da experiência nascida das dificuldades encontradas e superadas no curso da transmissão. Neste segundo tipo de experiência aparece um grande número de novos problemas ainda sem solução e que, no mais, não são nem mesmo percebidos posto que seu objeto difere daquele dos problemas iniciais (máquina ou tarefa). Tomar consciência de sua existência exige dos trabalhadores um nível de pesquisa que os localiza além de uma dimensão individual e de categorizações tradicionais que se tornaram porém inadequadas. (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981, p. 59-60).

Enquanto saber de uma classe que vive do trabalho no contexto dos anos 1970 em Turim, a experiência operária é abordagem global dos problemas coletivos de grupos de trabalhadores, permeada e estruturada por julgamento de valor dos mesmos. Oddone, Re e Briante (1981) logo se colocarão o problema de como fazer falar esta experiência para além dos comportamentos esperados pelas normas que a enquadram.

A aproximação dos pesquisadores da realidade concreta dos trabalhadores constitui-se um marco histórico no sentido de um novo regime de produção de saberes sobre trabalho, por trazer novas demandas sociais para a reflexão acadêmica que se fazia à época. Esta ampliação resultou em um novo modelo de análise – produzido a partir da experiência do trabalhador, considerando o valor da sua história individual, coletiva e sua capacidade de intervir na solução dos problemas que se colocavam no trabalho; o que contrapunha aos saberes epistêmicos validados na ergonomia e na psicologia da época, que utilizava um método analítico para medir e avaliar os problemas de forma global, conhecendo-o parcialmente, sem considerar o trabalhador como sujeito ético e epistêmico.

Assim, o legado de Oddone, Re e Briante (1981) é articular, em uma confrontação permanente, os conhecimentos científicos e a experiência dos trabalhadores. Constitui-se desde então como um indicador para nortear a compreensão dos problemas de saúde e segurança nos contextos produtivos, além de ter contribuído substancialmente para o desenvolvimento de outras disciplinas que ao longo dos tempos vieram se debruçar ao estudo do trabalho humano, e também colaborou para os avanços nos modelos de prevenção dos riscos utilizados no âmbito do trabalho.

## Por um novo regime de produção de saberes

A pergunta fundadora que se colocam os pesquisadores franceses: “como pensar as mudanças ‘do trabalho’ sem se encontrar imediatamente confrontado à interrogação sobre a existência do objeto supostamente perene através de suas modificações?” (SCHWARTZ, 1997, p. 4, grifo do autor), indicará as bases de um programa de pesquisa. A experiência francesa de construção de outro regime de produção de saberes nascerá, uma década depois, dialogando fortemente com a experiência de Turim, mas estruturada em outras bases institucionais e acadêmicas. Por um lado, beneficiou-se da Lei de Formação Contínua<sup>3</sup> francesa, que permite, desde 1971, que trabalhadores tenham período sabático relacionado entre os direitos do trabalho mantendo sua remuneração salarial, e permitiu, na universidade, diversas iniciativas de formação destinadas ao público não universitário.

A experiência de Oddone, Re e Briante (1981) fundamenta a criação do Dispositivo Dinâmico a Três Polos, mas este nasce em uma conjuntura socioeconômica e política francesa na qual “consciência de classe” já não é tão estruturante das ações coletivas dos trabalhadores. Em seu lugar – já que os protagonistas já não são mais apenas os militantes e operários, são aqueles que vivem do trabalho em geral – disposições éticas e epistemológicas tornam possível instituir coletivos para compreender o trabalho e transformá-lo. Além disso, passamos de uma perspectiva que denomina a experiência como ponto de confrontação com os saberes disciplinares àquele em que o conceito de atividade é o operador desta experiência.

A hipótese do trabalho como uma experiência em que se passam coisas importantes define, em última instância, como os protagonistas do dispositivo francês farão para conhecê-lo. O método que informa a abordagem ergológica nasce desta hipótese de que o trabalho – objeto de investigação – é uma experiência cultural na qual podemos encontrar e compreender o humano.

Reconhecer que os trabalhadores fazem experiência nos meandros do processo produtivo, nas

<sup>3</sup> Lei n. 71-575, Formação Profissional Contínua no quadro da educação permanente, de 16 de julho de 1971.

situações de trabalho nas quais se encontram, põe o problema teórico-metodológico do como aproximar e evidenciar tais experiências, de como analisar a atividade. Analisar o trabalho como experiência e/ou do ponto de vista da atividade, tal como nos propomos nas abordagens clínicas, não é evidente, é um desafio epistemológico, político e ético permanente. Ao considerar como parceiros deste projeto os protagonistas em sua diversidade, seremos convocados a pensar as mudanças do trabalho através das trocas entre conceitos e experiências.

Os saberes dos protagonistas distribuem-se diferentemente, de maneira não linear, não disciplinar e estão ancorados nas histórias e situações concretas. Por um lado, há uma tendência a fabricar saberes que se tornam modelos alheios ao tempo, e é assim que o conceito funciona. Por outro lado, uma tendência ligada ao retrabalho da experiência e a (micro) fabricação de histórias (SCHWARTZ, 2000, p. 43).

A aposta é na construção de um novo regime de produção de saberes no qual os triângulos da abordagem ergológica saberes-atividade-valores devem circular permanentemente. Por um lado eles recuperam a tensa relação teoria-prática, o que Schwartz (2000) denomina de dupla antecipação entre o conceito e a experiência, antecipação que resta em permanência a estruturar as configurações históricas. Por outro, há uma convocação para fazer pesquisa construindo dispositivos a três polos tendo em vista novos regimes de produção de saberes.

Inicialmente temos o polo dos conceitos, que comporta materiais para o conhecimento, por exemplo, sobre a distinção entre atividade prescrita e real, sobre a noção de mercado, sobre o grupo humano, sobre as práticas linguísticas, sobre a comunicação e as dificuldades de traduzir em palavras, que não podemos evitar. Em seguida, o polo das forças de convocação e reconvocação, que é o polo dos saberes gerados nas atividades. Os protagonistas destas atividades, portadores destes saberes, têm necessidade destes materiais para valorizar seus saberes específicos e transformar sua situação de trabalho. Descrições econômicas, modelos de gestão, categorizações sociais são encontrados sem cessar em seus meios de trabalho e é preciso trata-los e, novamente, (re) trata-los. Enfim, o encontro fecundo destes dois polos não pode se produzir senão pela existência de um terceiro polo: aquele das exigências

éticas e epistemológicas. Ele se articula sobre uma determinada filosofia da humanidade, uma maneira de ver o outro como seu semelhante. Isto quer dizer que vemos o outro como alguém com quem vamos aprender coisas sobre o que ele faz, como alguém de quem não pressupomos saber o que faz, quais são seus valores e como eles têm sido “(re) tratados”. (SCHWARTZ, 2000, p.44.).

Dispositivos compreendidos como esse encontro marcado tendo em vista alimentar competências diversas no pesquisador e nos trabalhadores que o integram permitem um trabalho de enraizamento das várias profissionalidades nas complexidades da atividade humana em espaço laboral, mas também permite validação dos saberes e remodelamento de alguns deles, e, principalmente, possibilita cometer menos erros em termos de mutilações conceituais.

Yves Schwartz (2000, p. 8) nos lembra também o princípio de “considerar ao mesmo tempo como objeto ato, no fundo eminentemente problemático, de conceituar a atividade dos outros”. Estes são constrangimentos/princípios que nos impõe a abordagem ergológica do trabalho desde 1997. Ficamos assim permanentemente constrangidos a transformar as experiências de trabalho relatadas pelos trabalhadores em dispositivos, e a nossa própria experiência nestes dispositivos em problemas teóricos. Neste trabalho, que é de uma pesquisa-ação permanente, o patrimônio da Educação Popular nos auxilia.

## Em torno de uma experiência brasileira

No Brasil há experiências muito interessantes sendo desenvolvidas em torno das questões concernentes à relação educação, trabalho e saúde.<sup>4</sup> Na impossibilidade de abarcar o conjunto dessas proposições nos limites disponíveis em um artigo, apresentaremos a seguir uma dessas iniciativas. Ela nos parece emblemática de um esforço de renovação teórica e metodológica no âmbito da saúde do trabalhador.

Na esteira dessas perspectivas, o Projeto Co-

<sup>4</sup> Como, por exemplo, o trabalho desenvolvido por Maria das Graças Hoefel, com o projeto “Vidas Paralelas”, bem como o trabalho desenvolvido por vários pesquisadores da FIOCRUZ no Rio de Janeiro, especialmente os estudos desenvolvidos por Jussara Brito e Milton Athayde.

nexões de Saberes sobre o Trabalho valoriza as premissas da Comunidade Científica Ampliada e se orienta na proposta da perspectiva ergológica de uma concepção mais geral da atividade humana (SCHWARTZ, 2000), para conduzir suas atividades. Neste dispositivo, a metodologia constitui-se no estabelecimento de um diálogo pluridisciplinar e dialético, buscando captar e (re) conhecer saberes e valores no curso da atividade laboral, onde se possa desenvolver um trabalho cooperativo, sem hierarquias socioculturais e epistemológicas que dificultam o diálogo entre o conhecimento e experiência prática.

A especificidade dessa proposta metodológica localiza-se nas condições criadas para que trabalhadores expressem suas experiências, um caminho possível para fazer avançar o conhecimento e encontrar soluções para problemas que eles próprios vivem no cotidiano da produção. Nesse sentido, aliando conhecimentos acadêmicos, técnicos e tecnológicos (instituídos) à experiência do trabalho (saberes investidos), acredita-se ser possível elaborar diagnósticos mais aprofundados dos problemas de saúde e segurança no setor mineral (2010-2015).<sup>5</sup> Vale ressaltar que as fronteiras entre estes saberes são instáveis e indefinidas, pois, em ação, todos os saberes se mobilizam, em graus diferentes para cada um dos envolvidos nesse encontro.

O Projeto Conexões de Saberes sobre Trabalho – Saúde e Segurança na Mineração possibilita uma produção de saberes sobre o trabalho, associando trabalhadores e dirigentes sindicais do setor mineral brasileiro<sup>6</sup> a gestores, técnicos e pesquisadores de várias áreas disciplinares da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>7</sup> e outras universidades

parceiras – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ).

Inscrito no bojo das atividades do Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão Conexão de Saberes sobre Trabalho do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação/NETE da Faculdade de Educação/UFMG, o projeto<sup>8</sup> também conta com a colaboração permanente de pesquisadores e formadores do Departamento de Ergologia da Aix-Marseille Université - França, da Escola Sindical 7 de Outubro/Central Única dos Trabalhadores/CUT e da Fundacentro/MG. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) financia as atividades por meio de convênio de fomento ao desenvolvimento científico, firmado em 2009, com a empresa Vale S.A.

O dispositivo concretiza-se em encontros bimestrais ou trimestrais, denominados módulos de formação, que reúnem trabalhadores e pesquisadores durante finais de semana na Escola Sindical 7 de Outubro (Belo Horizonte/MG). O Projeto teve como ponto de partida um minicurso de introdução à saúde e segurança no trabalho (outubro/2012), com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos participantes sobre instrumentos que são utilizados para se efetuar a análise de acidentes e promover uma reflexão inicial sobre a temática, a partir das experiências vivenciadas no cotidiano de trabalho dos participantes. Essa discussão inicial possibilitou a estruturação de grupos de trabalhos para realizar análise de acidentes de experiências reais trazidas pelos trabalhadores, objetivando evidenciar algumas lacunas que se apresentam nos resultados das análises clássicas e expor novos elementos a serem considerados, na perspectiva de ampliar o olhar sobre as causas de acidentes de trabalho e possíveis ações de prevenção que seriam mais eficazes.

#### A atividade não tem organização prévia pela

8 A primeira versão do projeto desenvolveu-se no período de 2005 a 2008, financiado pelo Ministério do Trabalho. As produções e articulações de saberes sobre o setor mineral nesse primeiro período de conexões foram sistematizadas em vários artigos e nos livros *Trabalho: Minas de Saberes e Valores e Conexões de Saberes sobre o Trabalho: Coletânea de Textos* (CUNHA, 2007) além do documentário *Lições de Pedras para quem sabe soletrá-la*, materiais organizados e publicados em coautoria pelos pesquisadores e trabalhadores envolvidos na experiência.

5 Outras edições deste projeto foram: Conexões de Saberes sobre Trabalho (2005-2008), financiamento CNPq e Ministério do Trabalho; Conexões de Trabalho em Energia (2008-2010), financiamento SINDIELETRO-MG.

6 Os profissionais mineiros participantes do Projeto representam sindicatos de trabalhadores em dez cidades brasileiras (Parauapebas, Guarapari, Cachoeiro do Itapemirim, São Paulo, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Congonhas, Mariana, Itabira e Paracatu), com experiência diversificada em termos de postos de trabalho no setor e vinculados a diferentes empresas de extração de diferentes minérios.

7 A UFMG é representada pelos seguintes grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação (NETE), da FAE/UFMG, Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Psicologia do Trabalho (LABTRAB – FAFICH/UFMG), Laboratório de Ergonomia da Faculdade de Engenharia de Produção/UFMG. As áreas do conhecimento representadas no dispositivo integram ainda a geografia e a fisioterapia.

equipe de pesquisadores, o percurso de formação/investigação, bem como as temáticas para debate, emergem das circunstâncias e dinâmica interna do grupo. A articulação dos saberes instituídos e dos saberes investidos durante as atividades nesse minicurso (nossa primeira atividade conjunta) propiciaram a construção da temática para o segundo módulo e assim sucessivamente. As pautas de discussão de cada módulo foram definidas pelos debates instaurados no módulo antecedente. Assim, os temas selecionados em cada módulo encadearam-se, construindo uma espiral em torno do eixo central saúde e segurança no trabalho, o que permitiu ampliar as margens de reflexão e elaborar novos saberes. Vale observar aqui que as temáticas são aquelas que são “sentidas” (FREIRE, 1988) pelos trabalhadores participantes do projeto, não aquelas pautadas pelos interesses de pesquisa dos pesquisadores.

Essa dinâmica nos faz lembrar a obra de Paulo Freire quando este sugere que o estudo da realidade, tal como compreende o educando, seja feito no confronto com a capacidade de organizar e explicar parte desta realidade pelo educador com base nos conhecimentos que possui dos diversos campos disciplinares, num processo dialógico permanente. Os temas geradores são assuntos que emergem no diálogo, produto das experiências vividas e que merecem tratamento problematizador por todos envolvidos na conversação. O pressuposto é de que todos somos sujeitos de valores e saberes sobre os assuntos em pauta, não havendo uma divisão de tarefas entre educadores/educandos, pesquisadores/professores/alunos; o que ocorre é que cada um, a partir de suas experiências, formação e/ou afinidades, sugere algo para contribuir na construção do que será o módulo seguinte: um texto, um nome, um site, qualquer coisa que pode contribuir no projeto coletivo do próximo encontro. O tema e seu desdobramento em problemas a serem focalizados e suas formas de tratamento são delimitados num processo de discussão de todos os participantes presentes.

Os saberes produzidos socialmente e sistematizados nos diversos campos do conhecimento são convocados para o diálogo segundo as contribuições que podem oferecer para a compreensão do tema e problemas que o nucleiam. Este resgate dos saberes para problematizar o tema busca a

produção de um conhecimento de tipo novo sobre a situação-problema analisada ou re-conhecimento de uma problemática a ser melhor investigada ou para melhor diagnosticar situações sobre as quais intervir. E é neste resgate de saberes e na sua confrontação que poderá surgir um conhecimento de tipo novo, que saberes diversos podem ser mobilizados e mobilizadores de transformações de uma dada situação. Os pesquisadores do projeto e/ou convidados pontualmente a estarem conosco têm tarefas diversas que não se restringem ao aporte de saber – sim, esta é uma contribuição importante –, mas velam pelo curso da discussão não deixando escapar perspectivas que, porventura, não estejam sendo consideradas.

Assim, as reflexões vão sendo tecidas num trabalho coletivo que articula e confronta teoria e prática fazendo sentido para todos os envolvidos: trabalhadores, estudantes, pesquisadores. Os problemas “sentidos” são tratados numa perspectiva investigativa, e nesse processo, independente de processos de escolarização mais formalizados, o coletivo se forma. Nesta interação, as contribuições de parte a parte não organizam o coletivo entre pesquisadores que sabem e os demais que não sabem; são, todos, sujeitos de saberes variando de conhecimentos abstratos presentes nos conceitos disciplinares até conhecimentos de dinâmicas locais que atravessam os problemas e as situações de trabalho analisadas. No contexto dos problemas analisados conjuntamente não faz sentido dicotomizar teoria e prática, porque os problemas a serem discutidos estão à espera de serem decifrados no próprio curso da análise em um processo constante de reinvenção e releitura do que vem a ser o real.

O pesquisador, como educador, o líder político ou religioso e o dirigente sindical também precisam ser educados e esta educação só pode vir no bojo de sua prática dentro de uma realidade social que não tem nada de fria, estática e imutável. Aprender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos e contradições que lhe imprimem um dinamismo permanente, “explorar as brechas e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças, eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela



situação vividas” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1988, p. 25).

As atividades realizadas nos módulos para debater as temáticas supracitadas consistiram em discussões e debates através de aulas dialogadas, oficinas de produção de saber, apresentações sistematizadas a partir dos saberes acadêmicos e das experiências dos trabalhadores na lida cotidiana das situações de trabalho. Os temas de reflexão, definidos conjuntamente, muitas vezes demandavam esclarecimentos em tempo real durante a realização dos módulos de formação, e foram objeto de constante negociação e replanejamento do trabalho a seguir. Essa dinâmica exige uma construção flexível e contínua de pontos a serem privilegiados no trabalho em comum. Sem uma cartografia definida *a priori*, o que se pode então relatar do projeto é a história das problemáticas sentidas e refletidas em nossos encontros neste último ano.<sup>9</sup>

O Direito de Recusa (Norma Regulamentadora n. 9), enquanto um dispositivo legal a ser utilizado pelo trabalhador em caso de trabalho que os exponha a situações de risco de acidentes, foi amplamente debatido em um dos módulos de formação. O assunto surgiu das análises de acidentes que vínhamos realizando coletivamente nos encontros anteriores (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2014). A produção coletiva, bem como os debates sobre o assunto no encontro, ensinou que as condições de possibilidade para um uso do dispositivo legal não podem ser compreendidas fora das situações reais de trabalho. A efetividade do dispositivo legal – enquanto mecanismo de proteção da saúde, da vida e do bem estar no meio ambiente de trabalho em contextos de produção mineral – tem relação direta com o fato do mesmo estar amplamente incrustado na situação de trabalho em que se dá a ocorrência na medida em

que esta condensa normas antecedentes – das mais locais às mais globais, na tessitura de uma gramática social. O debate com os sindicalistas deixou claro que sem compreender como esta gramática se engendra numa micropolítica local não se pode compreender os usos que trabalhador faz de si por si, mesmo no contexto das normas e condições gerais de produção no qual se encontram. Daí também sua ambiguidade enquanto instrumento de proteção, pois, se ao parar a produção coletivamente ou individualmente os trabalhadores o fazem com base em seus saberes, valores e experiência, ao fazê-lo desvelam no horizonte ao mesmo tempo uma responsabilização face aos desígnios da subordinação jurídica que marca toda relação de emprego formal ou informal. Ou seja, no contexto de relações de trabalho autoritárias que marcam a realidade brasileira, na fala de um dirigente sindical de Paracatu-MG: direito de recusa e aviso prévio andam muito perto um do outro (CUNHA, 2007).

A dinâmica da experiência do Conexões oferece um espaço sem os constrangimentos tradicionais presentes nas situações de trabalho e às *démarches* metodológicas de pesquisa, dispositivo muito além do quadro de pesquisa tradicional de cunho qualitativo. A condição é que se assegure um espaço de circulações de saberes e valores dos participantes, onde o diálogo se instaure. O diálogo somente ocorrerá numa perspectiva de engajamento para a intercompreensão. O diálogo forma, mais que informa, pois está a serviço de uma investigação particular. Contudo ele precisa estar ancorado numa boa escuta em duplo sentido, aquela que estrutura o diálogo socrático em que interpelar vem acompanhado do se deixar interpelar.

Os diálogos de interpelação em duplo sentido são carregados de questões a pensar. Às vezes são ilustrações, histórias... eventos singulares na experiência de trabalho que circulam saberes e valores plenos de eventos singulares; outras vezes são objeções epistemológicas, como no caso do Método “Árvore das Causas”, utilizado para analisar acidentes em que a premissa do pesquisador de que este instrumento requer suspensão de valores por quem avalia o acidente foi amplamente questionada pelos trabalhadores. Outras vezes são objeções prático-políticas do tipo para que serve um Árvore das Causas na análise de acidentes quando

<sup>9</sup> Ferramentas de gestão de risco no trabalho e a experiência francesa de Dispositivo Dinâmico de Três Polos – (janeiro/2013); Análises de acidentes de trabalho (abril/2013); Análises de acidentes de trabalho e Direito de Recusa (junho 2013); Usos da Comissão Interna Prevenção de Acidentes/CIPA (setembro/2013); Nexo Técnico Epidemiológico Causal/NTEP, CIPA e Mapas de Risco (novembro 2013); Retrospectiva dos módulos e avaliação do projeto; discussão do projeto de Curso de Especialização de Análise Pluridisciplinar sobre Situações de Trabalho e da criação do Centro de Estudos e Práticas em Saúde e Segurança no Trabalho/CEPRASST (março/2014); Discussão de pesquisas de mestrado e doutorado em curso e Lançamento do Centro de Estudos e Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho/CEPRASST (maio 2014).

os trabalhadores e o sindicato não podem participar do processo de análise? Afinal, uma ferramenta de trabalho tem muitos usos e eles se inscrevem efetivamente na concretude das relações sociais que, no caso da exploração mineral, são autoritárias. Por vezes, as considerações, produtos destas interlocuções, nos levam a soluções de tipo novo para velhos problemas que se desdobram em projetos de intervenção – planos de ação em comum. Ou mesmo a deslocamentos nas representações de parte a parte, dos desconfortos e contradições somos levados nos diálogos a mudar de posição ou a reabrir o debate em torno de objetos antigos de pesquisa que pensávamos ultrapassados, o que pode elucidar reservas de alternativas do ponto de vista da transformação do trabalho.

São muitas as dificuldades, as potencialidades e os interesses em jogo. As dificuldades práticas estão relacionadas aos custos financeiros para fazer funcionar um dispositivo como esse, e estendem-se até o fato de que, por não termos no Brasil a formação contínua dos trabalhadores como um direito do trabalho em nossa legislação, somos obrigados a nos encontrarmos nos finais de semana de modo a garantir a presença dos mesmos.

Entretanto as potencialidades epistemológicas são inúmeras na articulação entre as disciplinas, inclusive de encontrarmos muitos pontos cegos de pesquisa desvelando objetos transdisciplinares de pesquisa. Observe-se ainda todo o potencial de azeitar a articulação Ensino, Pesquisa, Extensão, pilares da universidade pública brasileira.

O potencial de formação é para todos os participantes na medida em que os universitários se formam na extensão de suas atividades de pesquisa, sejam eles pesquisadores e/ou alunos de graduação e pós-graduação. E, os depoimentos dos trabalhadores comprovam, há um aumento do seu poder de agir nas situações de trabalho nas quais se encontram. É esta extensão que desejamos praticar, aquela que fortalece as transformações emancipatórias nas situações de trabalho daqueles que vivem do trabalho.

Como vimos, a centralidade da experiência que faz a atividade de trabalho para reinterrogar saberes e normas presentes é o caminho escolhido por nós e de onde falamos, de nossos estudos e pesquisas sobre trabalho, com as formas de governo

do trabalho nas situações laborais e nas situações políticas, bem como com a formação/educação. Este ponto de vista político-acadêmico se fortalece na condição que se crie um espaço de circulações de saberes e valores, na condição que se instaure um diálogo entre os vários polos que se encontram nas situações de trabalho e em nossos dispositivos. Esta perspectiva combina bem com nossa herança brasileira e latino-americana da educação popular e seus desdobramentos em termos de Pesquisa-Ação e Pesquisa Participante, na medida em que há uma convocação ao diálogo permanente com a experiência prévia dos educandos/trabalhadores. Ambos os patrimônios culturais nos convidam à participação social enquanto pesquisadores que somos em diálogo permanente com problemas concretos vividos pelos trabalhadores, a aprendizagem conjunta se estrutura e é estruturante.

Em coletivos mistos como o nosso, os princípios desses patrimônios teórico-metodológicos são herança que mediam novos projetos em que todos se formam – pesquisadores, estudantes e/ou outros trabalhadores ali presentes, convocados que somos a refletir em diálogo permanente sobre preocupações em comum. O que nos mobiliza a vir para o encontro é o fato da temática ter significado, fazer sentido para a vida de cada um, em síntese, “problemáticas sentidas” que nos movem em busca de nos instruímos de saberes que o encontro oferece, de nos instruímos sobre o que sabemos intuitivamente por experiência, mesmo que seja ela proveniente dos conceitos que manipulamos, para resolver problemas diários que enfrentamos em nossas pesquisas, na ação sindical e/ou no trabalho dos dias.

Nada nessa dinâmica profícua de colaboração, entretanto, nos permite desconhecer os embates de poder presentes. Mas nada pode ser cristalizado em termos de referencial teórico-metodológico e/ou de prioridade no estabelecimento das perspectivas que serão levadas em consideração, sob pena de romper com o engajamento coletivo e o equilíbrio da colaboração.

O que nos interessa é mergulhar na espessura do real, captar sua lógica e dinâmica contraditória, que pode estar presente nas representações dos atores em diálogo e enfrentar o fato de que este real, por suas contradições mesmas, não é o único possível:

[...] debaixo de todo ordenamento social aparente, imutável, fermentam, por vezes lenta e silenciosamente, alternativas, amadurecem rupturas. Muitas vezes, o que existe hoje pode e deve ser mudado. Para isso, é preciso interrogar constantemente a realidade, assumir o direito e o dever de formular julgamentos de valor que conduzam a denunciar e recusar tudo aquilo que, na ordem social, nega a liberdade e a autonomia criadora dos movimentos sociais. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1988, p. 26).

## Considerações finais

O reconhecimento de que a educação é instância de cultura e que seus sujeitos, como homens e mulheres de seu tempo, são constituídos e constituidores de cultura é uma premissa que possivelmente seja comum aos que de alguma forma fazem interface com os processos educativos formais. Por essa perspectiva, a educação encontra-se fortemente ligada à formação humana. Mas o que se forma no trabalho, sobretudo no trabalho realizado no quadro de nossas sociedades contemporâneas? A resposta a essa indagação, se o leitor partilha da argumentação que buscamos desenvolver no presente texto, não é nada simples.

O encontro entre a formação, o trabalho e a saúde possui nesse domínio aspectos muito singulares que, na dependência da perspectiva adotada, podem conduzir a proposições que negam o trabalho como instância produtora de vida e de saberes, que obscurecem o lugar dos trabalhadores nesse processo e que concebem a saúde como ausência de doença. Quando se fala em saúde do trabalhador, uma perspectiva como essa tem alcance bastante curto, pois desconhece a complexidade do objeto sobre o qual se debruça, o que coloca em xeque a pertinência de suas proposições.

Em direção oposta, nas três abordagens apresentadas ao longo do texto buscamos evidenciar outra perspectiva sobre o assunto, perspectivas essas que buscaram, cada uma ao seu modo, lidar com a difícil tarefa de conhecer e intervir nos meios laborais. As três perspectivas possuem um ponto em comum, mesmo que por vezes não seja explícito, e este diz respeito à ideia de que a saúde não é concessão, mas uma conquista do vivo em relação ao seu meio.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> A expressão não é fortuita, a noção de *meio* traz aqui o sentido que lhe é atribuído pelo médico-filósofo Georges Canguilhem ao tratar

Nesses termos, aproximam-se e repõem a noção de saúde presente em Georges Canguilhem.

Para esse médico-filósofo, a saúde se apresenta na relação de valor entre o vivente e seu meio, e, em se tratando do ser humano, isso abriga aspectos especiais que estão bem além da mera ausência de doença. Em suas palavras: “Eu me sinto bem na medida em que sou capaz de ter responsabilidade por meus atos, de levar coisas à existência e de criar entre tais coisas relações que não seriam constituídas sem mim” (CANGUILHEM, 2002, p. 68). Isto faz pensar sobre o que se apresenta na relação entre o homem e seu meio de trabalho, bem como indaga sobre como e em que medida a saúde pode ser investida positivamente.

As três experiências aqui apresentadas compreendem perspectivas de formação dos trabalhadores que as consideram como fundamentais nos processos de mudança dos meios laborais. Nelas os trabalhadores não somente estão presentes, mas são investidos como sujeitos políticos e, como bem lembra Brandão (2013, p. 13), “Não devemos nos esquecer que ‘sujeito político’ possui em Paulo Freire a conotação do agente consciente-e-crítico e, portanto, de uma pessoa criativamente ativa, corresponsável e participante da gestão e transformação de sua polis, o seu lugar de vida e destino”.

da relação entre o que é vivo e seu meio. Para o referido autor, a relação entre o vivo e o meio é o de um debate, um debate de normas, no sentido de que o vivo aporta ao meio suas normas de referência, seus valores de apreciação. Ser vivente, de certo modo, é poder organizar o meio a partir de um centro de referência. A esse respeito ver Canguilhem (2009).

## REFERÊNCIAS

- ALALUF, Mateo. Introduction. In: ALALUF, Mateo; ROLLE, Pierre; SCHOETTER, Paul. (Coord.). **Division du travail et du social**. Toulouse, FR: Octares, 2001.
- BRANDÃO, Carlos, R. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. Prefácio: cinquenta e um anos depois. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. (Org.). **Educação popular: lugar de construção social e coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CANGUILHEM, Georges. **Écrits sur la médecine**. Paris: Le Seuil, 2002.
- \_\_\_\_\_. **La connaissance de la vie**. 10. ed. Paris: Vrin, 2009.
- CUNHA, Daisy. M. (Org.). **Trabalho: minas de saberes e valores**. Belo Horizonte: NETE/FAE/UFMG, 2007.
- MINAYO-GOMEZ, Carlos. Campo da saúde do trabalhador: trajetória, configuração, transformações. In: MINAYO-GOMEZ, Carlos; MACHADO, Jorge M. H.; PENA, Paulo G. L. (Org.). **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 23-36.
- OLIVEIRA, Rosiska D.; OLIVEIRA, Miguel. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 43-55.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 33-41.
- ODDONE, Ivar; RE, Alessandra; BRIANTE, Gianni. **Redécouvrir l'Expérience Ouvrière – vers une autre psychologie du travail?** Paris: Editions Sociales, 1981.
- TAYLOR, Frederick W. **Princípios da administração científica**. São Paulo: Atlas, 1985.
- SCHWARTZ, Yves. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. **Revista Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, n. 7, p. 38-46, jul./dez. 2000,.
- \_\_\_\_\_. **Reconnaissances du travail: pour une approche ergologique**. Paris: Universitaires de France, 1997.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Projeto conexões de saberes sobre trabalho: saúde e segurança no trabalho. **Caderno de textos do IV Módulo**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NETE, 2014.

*Recebido em: 01.12.2014*

*Aprovado em: 03.03.2015*